



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

CAMPUS DOS MALÊS



**CADERNO DE RESUMOS DA
III SEMANA DE LETRAS DA UNILAB-MALÊS**

**“Cinco anos do Campus dos Malês: linguagens
em (re)existências”**

Volume 3

2019

CADERNO DE RESUMOS DA III SEMANA DE LETRAS DA UNILAB-MALÊS



“Cinco anos do Campus dos Malês: linguagens
em (re)existências”

São Francisco do Conde (BA)

2019

Organização do **CADERNO DE RESUMOS DA III SEMANA DE LETRAS DA UNILAB-MALÊS**

Editoração: Prof. Dr. Alexandre António Timbane

Revisão geral: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença e Prof^a. Dra. Lídia Lima da Silva

Periodicidade: Anual

Idioma: Português

Autor Cooperativo

Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira,
Campus dos Malês, Instituto de Humanidade e Letras, Curso Graduação
em Letras - Língua Portuguesa.

Avenida Juvenal Eugênio Queiroz, s/n, Baixa Fria, CEP: 43900-000, São
Francisco do Conde (BA), Brasil.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

C129

Caderno de resumos da Semana de Letras da Unilab/Malês. - Ano 1, n. 1
(maio/2017)- . - São Francisco do Conde, BA: Instituto de Humanidades e
Letras, Unilab/Malês, 2017- .
v. : il. ; 30 cm.

Anual.

Editor e revisor: Alexandre António Timbane.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (maio/2017).

ISSN 2596-299X

1. Letras - Língua portuguesa. I. Timbane, Alexandre António.

BA/UF/BSCM

CDD 469

Ficha catalográfica elaborada por Bruno Batista dos Anjos, CRB-5/1693

As informações contidas nos resumos são de inteira responsabilidade dos autores.



**UNIVERSIDADE DA INTERGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CAMPUS DOS MALÊS**

REITORIA

Alexandre Cunha Costa (Reitor *pro tempore*)

Andrea Gomes Linard (Vice-reitora *pro tempore*)

PRO-REITORIAS

Edson Holanda Lima Barboza (Pró-Reitora de Graduação)

Albanise Barbosa Marinho (Pro-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação)

Rafaella Pessoa Moreira (Pro-Reitora de Extensão, Arte e Cultura)

Leonardo Teixeira Ramos (Pro-Reitor de Administração)

Matheus Dantas Madeira Pontes (Pro-Reitor de Planejamento)

Maria do Socorro Camelo Maciel (Pro-Reitor de Políticas Afirmativas e Estudantis)

Max César de Araújo (Pro-Reitor de Relações Institucionais)

UNIDADE ACADÊMICA

Pedro Acosta Leyva (Diretor do Instituto de Humanidades e Letras-BA)

CAMPUS FORA DA SEDE

Mirian Sumica Carneiro Reis (Diretora do Campus dos Malês)

COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Eduardo Ferreira dos Santos

VICE-COORDENAÇÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

Shirley Freitas Sousa

III SEMANA DE LETRAS DA UNILAB/MALÊS



5 anos do Campus dos Malês: linguagens em (re)existências

COMISSÃO ORGANIZADORA

Portaria IHL-Malês Nº 06, de 04 de janeiro 2019

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos (Presidente)

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira

Prof. Dr. Carlos Héric Silva Oliveira

Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola

Prof. Dr. Denilson Lima Santos

Profa. Dra. Eliane Gonçalves da Costa

Profa. Dra. Giselle Rodrigues Ribeiro

Profa. Dra. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Profa. Dra. Wânia Miranda Araujo da Silva

Alfa dos Santos (discente)

Aramatu Injai (discente)

Flávia Janaina Silva de Jesus (discente)

Lucas Pereira dos Santos Souza (discente)

Marcos Vinicius da Hora Silva (discente)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Prof. Dr. Alexandre António Timbane

Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira

Prof. Dr. Carlos Héric Silva Oliveira

Prof. Dr. Carlos Maroto Guerola

Prof. Dr. Denilson Lima Santos

Prof. Dr. Eduardo Ferreira dos Santos

Profa. Dra. Eliane Gonçalves da Costa

Profa. Dra. Giana Targanski Steffen

Profa. Dra. Giselle Rodrigues Ribeiro

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano

Profa. Dra. Josyane Malta Nascimento

Profa. Dra. Lavínia Rodrigues de Jesus

Profa. Dra. Lídia Lima da Silva

Profa. Dra. Lilian Paula Serra e Deus

Profa. Dra. Ludmylla Mendes Lima

Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima

Profa. Dra. Marli Aparecida Rosa

Profa. Dra. Mirian Sumica Carneiro Reis

Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença

Profa. Dra. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Profa. Dra. Shirley Freitas Sousa

Profa. Dra. Vânia Maria Ferreira Vasconcelos

Profa. Dra. Wânia Miranda Araujo da Silva



MONITORES(AS)

Ana Kézia dos Santos Nascimento

Anderson da Silva Bezerra

Andreia Regina dos Santos

Barbara Bomfim

Beatriz Conceicao da Silveira

Cássia Cris Costa do Amaral

Elias Flores Hanusse

Gessica dos Santos

Irlene Oliveira

João Imbatene

João Vitor Bispo Cerqueira

Joyce Kelly Rangel Chaves

Marcos Nunes Junior

Kialunda Sozinho Kialanda

Lauci João Correia

Manoela Ventura Oliveira

Matheus Fabiano Ribeiro dos Santos Sacramento

Milanca Cabral de Brito

Mônica Santos Reis

Priscila Matos Costa

Segunda Cá

Taina da Silva Santos

Valdimiro Dias Esteves

Weverton da Conceição Campos



SUMÁRIO

SOBRE A UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)	10
APRESENTAÇÃO DO EVENTO	12
DISTRIBUIÇÃO DOS MINICURSOS E OFICINAS	14
PROGRAMAÇÃO GERAL	16
DISTRIBUIÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÕES	18
RESUMOS DAS PALESTRAS	21
PALESTRA DE ABERTURA: MACHADO DE ASSIS AFRODESCENDENTE	21
PALESTRA: ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO - UMA LINGUAGEM EXCEPCIONAL DE (RE)EXISTÊNCIA BRASILEIRA	23
RESUMOS DA MESA-REDONDA	25
MESA REDONDA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CONTEXTOS DE (RE)EXISTÊNCIAS: O LUGAR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE	25
MESA REDONDA: A CONSTRUÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O SABER-FAZER E O QUERER-FAZER NA SITUAÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	26
MESA REDONDA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO: INTERFACES ENTRE FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE EM CONSTRUÇÃO	26
MESA REDONDA: A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A FORMAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO MÉDIO	27
RESUMO DA SESSÃO DE CURTAS	28
SESSÃO DE CURTAS: LEITURAS DO CONTEMPORÂNEO - MASCULINIDADES POSSÍVEIS NA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA	28
MINICURSO: PESQUISA EM LINGUÍSTICA: UMA INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE CAMPO	30
MINICURSO: SARAU LITERARTE –UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NA PESQUISA EM LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS	31
MINICURSO: CONTANDO HISTÓRIAS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE	32
OFICINA: A SEMÂNTICA DO BAIANÊS. VOCÊ SABE BAINÊS? PEGUE A VISÃO	33
SHOW MUSICAL: LETRA & MÚSICA NA SEMANA DE LETRAS	34

COMUNICAÇÕES ORAIS	36
ORIGENS DE UMA AUTOFICÇÃO DIASPÓRICA EM “DIÁRIO DO HOSPÍCIO” EM “CEMITÉRIO DOS VIVOS”, DE LIMA BARRETO.....	36
SEJA WANYENGA XITU UM EXEMPLO PARA A ANGOLANIZAÇÃO.....	37
A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA SURDA.....	38
AS LÍNGUAS AFRICANAS COMO IDENTIDADE E RESISTÊNCIA.....	39
PROCESSOS FONOLÓGICOS NO GUINEENSE MODERNO	40
IDEOFONES NO GUINEENSE MODERNO: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA	42
A CRÍTICA SOCIAL EM “A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA: A LITERATURA GUINEENSE	43
MOVIMENTO JOELMA - LETRA & MÚSICA, EXPRESSIVIDADES & TRAJETÓRIAS ..	45
AFROLINGUAGENS, CORPOS DANÇANTES	46
MARCAS DE DISCURSOS IDEOLÓGICOS NACIONALISTAS NA OBRA LITERÁRIA DE ANTÓNIO AGOSTINHO	47
CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM GUINÉ-BISSAU.....	48
A EPOPEIA E ROMANCE NA LITERATURA DE CORDEL BULE-BULE ORIXÁS EM CORDEL.....	49
MANDJUANDADI: A VOZ DAS MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE	50
ESCREVIVÊNCIA NA VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS	51
DECOLONIALIDADE: UM MECANISMO PARA MUDANÇAS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU	52
TABUS LINGUÍSTICOS NO GUINEENSE MODERNO: XINGAMENTOS.....	53
NORMAS DE SUBMISSÃO DE RESUMOS E ORIENTAÇÕES.....	56

SOBRE A UNIVERSIDADE DE INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB)

A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) nasceu com base nos princípios de cooperação solidária e em parceria entre países, especialmente os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP). A Unilab desenvolve formas de crescimento econômico, político e social entre os estudantes, formando cidadãos capazes de multiplicar o aprendizado no Brasil e nos demais países parceiros que integram a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A comunidade da Unilab é composta por estudantes, técnicos, docentes e colaboradores. A universidade proporciona oportunidade de aproximar o interior do nordeste brasileiro a uma educação moderna e avançada, formando profissionais com qualidade. Os meios para ingresso dos alunos na Unilab se baseiam em a) seleção por meio dos resultados da prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); b) seleção por meio da prova realizada pelos candidatos nos países de origem; e c) processo seletivo específico para quilombolas e indígenas.

A ousadia da Unilab ancora-se na afirmação do Ex-Presidente Luiz Inácio Lula da Silva: “nenhum tema é tão capaz de unir e transformar um país quanto a educação”. Na mesma perspectiva, o líder inspirador sul-africano, Nelson Rolihlala Mandela defendia: “a educação é a arma mais poderosa para a mudar o mundo.”

Em 20 de julho de 2010, o ex-Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, sancionou a Lei nº 12.289 instituindo a Unilab como Universidade Pública Federal. Sua função principal é a interiorização do ensino superior e por isso a Unilab se localiza em dois Estados: Ceará (Maciço do Baturité) e Bahia (Recôncavo baiano).

As atividades acadêmicas da UNILAB tiveram início no Campus da Liberdade, em redenção, Ceará, em maio de 2011. No Ceará estão também o Campus das Auroras (entre os municípios de Redenção e Acarapé) e a Unidade Acadêmica dos Palmares (em Acarapé). No Campus dos Malês, em São Francisco do Conde, Bahia, as atividades iniciaram-se em fevereiro de 2013, com cursos de graduação e

pós-graduação à distância. Em maio de 2014, iniciaram-se as atividades dos cursos de graduação presenciais e as ações de ensino de pesquisa e de extensão voltadas à comunidade.

Dessa forma, A Unilab no Recôncavo Baiano desenvolve atividades na perspectiva de três linhas: ensino, pesquisa e extensão, interagindo com a comunidade, beneficiando os cidadãos e dando oportunidades aos residentes em São Francisco do Conde, Santo Amaro, Candeias e outros municípios da região.

APRESENTAÇÃO DO EVENTO

A **SEMANA DE LETRAS DA UNILAB-MALÊS** é um evento anual do Curso de Graduação em Letras-Língua Portuguesa, do Instituto de Humanidade e Letras, Campus dos Malês. O evento reúne docentes, discentes, técnicos e comunidade externa e cria espaço de debate de pesquisas em andamento e pesquisas finalizadas dos estudantes e pesquisadores da Unilab, bem como de outras instituições. O evento visa reunir palestrantes e comunidade em conferências, grupos de trabalho, minicursos e outras atividades para acrescentar experiências à formação dos discentes de Letras e de outros cursos da Unilab.

A **I SEMANA DE LETRAS DA UNILAB/MALÊS** realizou-se de 16 a 19 de maio de 2017, em São Francisco do Conde, Bahia. Tendo como lema *Entre Brasil e África: Travessias Lusófonas* e contou com 11 minicursos, três Grupos de Trabalho em que os alunos puderam apresentar trabalhos concluídos ou em andamento e ocorreram uma série de atrações, como palestras e sessões de filmes. O evento contou com a presença de professores da Bahia: Florentina da Silva Souza, da Universidade Federal da Bahia (UFBA); e Silvana Silva de Farias Araújo, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

Contou, ainda, com a presença de professores de outras universidades brasileiras: Ana Livia dos Santos Agostinho, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); Cleudene Aragão, da Universidade Estadual do Ceará (UECE); Constância Lima Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); Jean Paul d'Anthony, da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE); Nazareth Fonseca, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas); e Tânia Maria Lima, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O site da **SEMANA DE LETRAS DA UNILAB/MALÊS** é <http://semanadeletras-males.weebly.com/>.

Dando continuidade ao evento, a **II SEMANA DE LETRAS DA UNILAB-MALÊS** realizou-se de 7 a 10 de agosto 2018, em São Francisco do Conde/BA e o lema foi *São Francisco do Conde: diálogos e trânsitos afro-luso-brasileiros*. Foram apresentados sete minicursos e três grupos de trabalho. Houve várias atividades

culturais, exibição de filmes, recitação de poesias, vendas de livros, lançamentos de livros e apresentação de grupo teatral. Houve, ainda, a participação de grandes artistas e escritores baianos como Jorge Portugal (escritor, compositor e ex-secretário de Cultura da Bahia), Ana Clara Ferreira (escritora e membro da Academia de Letras e Artes de São Francisco do Conde - ALASFCO), Zéo Pereira (poeta e produtor cultural), Jean Souza (diretor de Cultura do município de Candeias) e Roberto Mendes (cantor e compositor). Todas as ações visaram valorizar a riqueza artística presente na Bahia, em especial, no Recôncavo Baiano. As informações sobre a **II SEMANA DE LETRAS DA UNILAB/MALÊS** estão no site: <https://semanadeletras-males-2.weebly.com/>.

A **III SEMANA DE LETRAS DA UNILAB/MALÊS** dá continuidade às I e II **Semanas de Letras** realizadas em 2017 e 2018, respectivamente. O evento ocorreu de 03 a 05 de dezembro de 2019 e tinha como objetivo refletir e debater sobre as pesquisas e estudos desenvolvidos no âmbito do Curso de Graduação em Letras-Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês. O evento pode ser caracterizado como um espaço importante para trocar experiências com pesquisadores de outras instituições para além de oferecer experiência em eventos científicos aos estudantes da UNILAB.

Essa terceira edição da **Semana de Letras** foi composta por três minicursos, duas oficinas, dezessete comunicações, além de atividades artísticas. O evento teve a honra de receber dois professores pesquisadores de outras instituições brasileiras, Carolin Overhoff Ferreira (da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP) e Eduardo de Assis Duarte (da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG); e a pesquisadora Ana Camila Esteves (Curadora parceira do África in *Motion Film Festival*, Escócia); idealizadora e curadora da Mostra de Cinemas Africanos, Brasil). Esses pesquisadores, com seus saberes, trouxeram contribuições importantes resultantes das suas pesquisas.



DISTRIBUIÇÃO DOS MINICURSOS E OFICINAS

Minicurso	Docente	Data	Hora	Sala
Minicurso 1: <i>A pesquisa em Linguística: uma introdução ao trabalho de campo</i>	Profa. Dra. Shirley Freitas Sousa (UNILAB) e Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima (UNILAB)	03/12	08h30 às 12h00	9
Minicurso 2: <i>Uma viagem a Timor-Leste</i>	Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira (UNILAB)	03/12	08h00 às 13h00	11
Minicurso 3: <i>Contando Histórias de São Francisco do Conde</i>	José Jorge do Espírito Santo (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre SFC) e José Marcelo Conceição Silva (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre SFC)	04/12	08h00 às 13h00	11
Oficina 1: <i>A semântica do baianês: você sabe baianês? Pega a visão</i>	Coordenação: Profa. Dra Wânia Miranda Araujo da Silva (UNILAB); Discentes colaboradores (UNILAB): Daiane Teixeira, Everton Pereira, Joelma Neri, Priscila Antônia, Valmira Damasceno	05/12	08h00 às 13h00	5

Oficina 2: <i>Yaras, Yabas e Feiticeiras: pelas palavras-águas do feminino</i>	Profa. Dra. Eliane Gonçalves da Costa (UNILAB)	05/12	08h00 às 13h00	11



PROGRAMAÇÃO GERAL

Dia 03/12 - Terça-feira

08h00 às 13h00 – Minicursos

Minicurso 1: *A pesquisa em Linguística: uma introdução ao trabalho de campo* - Profa. Dra. Shirley Freitas Sousa (UNILAB) e Profa. Dra. Manuele Bandeira de Andrade Lima (UNILAB) - sala 09

Minicurso 2: *Uma viagem a Timor-Leste* - Prof. Dr. Alexandre Cohn da Silveira (UNILAB) - sala 11

14h00 - Credenciamento

19h00 - Mesa Institucional - Auditório do Campus dos Malês

19h10 - Apresentação Musical: *Amor Só Amor* - Discentes do Curso de Graduação em Letras - Auditório do Campus dos Malês

19h30 - Palestra de Abertura: *Machado de Assis Afrodescendente* - Prof. Dr. Eduardo Assis (UFMG) - Auditório do Campus dos Malês

Dia 04/12 - Quarta-feira

08h00 às 13h00 - Minicurso

Minicurso 3: *Contando Histórias de São Francisco do Conde* - José Jorge do Espírito Santo (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre SFC) e José Marcelo Conceição Silva (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre SFC) - sala 11

15h00 às 17h00 - Palestra: *Arthur Bispo do Rosário - uma linguagem excepcional de (re)existência Brasileira* - Profa. Dra. Carolin Overhoff Ferreira (UNIFESP) - Auditório do Campus dos Malês

18h30 - Sessão de Curtas: *Leituras do Contemporâneo: Masculinidades possíveis na África contemporânea* - Curadora Ana Camila Esteves (UFBA - África in Motion Film Festival - Escócia e Mostra de Cinemas Africanos - Brasil) - Profa. Dra. Giselle Rodrigues Ribeiro (UNILAB) - Coordenação

Dia 05/12 - Quinta-feira**08h00 às 13h00 - Oficinas**

Oficina 1: *A semântica do baianês: você sabe baianês? Pega a visão* - Coordenação: Profa. Dra Wânia Miranda Araujo da Silva (UNILAB); Discentes colaboradores (UNILAB): Daiane Teixeira, Everton Pereira, Joelma Neri, Priscila Antônia, Valmira Damasceno - sala 5

Oficina 2: *Yaras, Yabas e Feiticeiras: pelas palavras-águas do feminino* - Profa. Dra. Eliane Gonçalves da Costa (UNILAB) - sala 11

14h00 às 17h30 - Apresentação de Trabalhos Discentes – Sessões de Comunicações

18h30 - Mesa-Redonda: *Formação de Professores em contextos de (re)existência: o lugar do estágio supervisionado na profissionalização docente* - Carla Verônica Albuquerque Almeida (UNILAB); Joilma Menezes Sales da Cruz (CEAJAT); Prof. Dr. Carlos Héric Oliveira (UNILAB) – Coordenação - Auditório do Campus dos Malês

20h00: Show Letra & Música – Profa. Dra. Marli Aparecida Rosa (UNILAB) – Coordenação



DISTRIBUIÇÃO DAS SESSÕES DE COMUNICAÇÕES

	AUTORES	TÍTULO
01	Bruna Helena Farias Barretto (UNILAB/PIBIC/FAPESB) Igor Ximenes Graciano (UNILAB)	ORIGENS DE UMA AUTOFIÇÃO DIASPÓRICA EM <i>DIÁRIO DO HOSPÍCIO</i> E O <i>CEMITÉRIO DOS VIVOS</i> , DE LIMA BARRETO
02	Dumilde Virgílio Carvalho Artur (UNILAB)	SEJA <i>WANYENGA XITU</i> : UM EXEMPLO PARA A ANGOLANIZAÇÃO
03	Everton Pereira da Silva (UNILAB/PIBIC/FAPESB) João Lipe Nogueira Reis (UCAL)	A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA SURDA
04	Pansau Tamba (UNILAB/ PIBIC) Alexandre António Timbane (UNILAB)	AS LÍNGUAS AFRICANAS COMO IDENTIDADE E RESISTÊNCIA
05	Natali da Anunciação Santos (UNILAB) Shirley Freitas Sousa (UNILAB)	PROCESSOS FONOLÓGICOS NO GUINEENSE MODERNO
06	João Eusébio Imbatene (UNILAB) Manuele Bandeira de Andrade Lima (UNILAB)	IDEOFONES NO GUINEENSE MODERNO: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA
07	Marcos Vinicius da Hora Silva (UNILAB))	A CRÍTICA SOCIAL EM A <i>ÚLTIMA</i> <i>TRAGÉDIA</i> , DE ABDULAI SILA: A

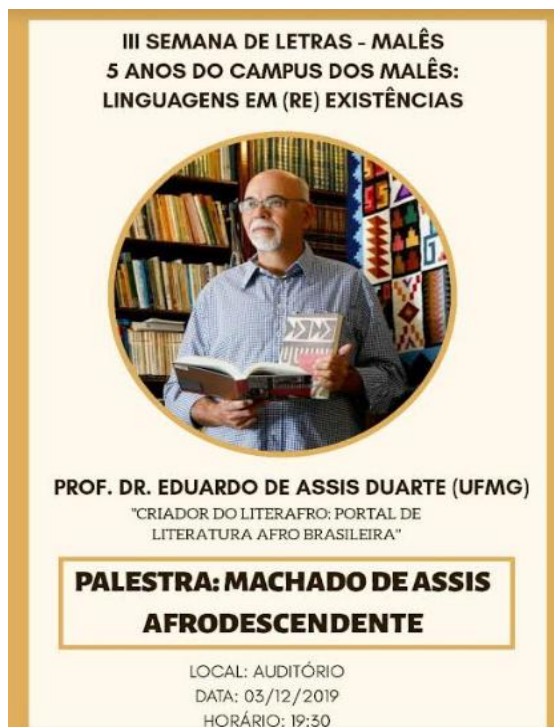
		LITERATURA GUINEENSE
08	Mateus Pereira Lago (UNILAB) Elizia Cristina Ferreira (UNILAB)	MOVIMENTO JOELMA - LETRA & MÚSICA, EXPRESSIVIDADES & TRAJETÓRIAS
09	Israel Mawete Ngola Manuel (UNILAB) Jucélia Bispo dos Santos (UNILAB)	AFROLINGUAGENS, CORPOS DANÇANTES
10	Euclides Victorino Silva Afonso (UNILAB)	MARCAS DE DISCURSOS IDEOLÓGICOS NACIONALISTAS NA OBRA LITERÁRIA DE ANTÓNIO AGOSTINHO
11	Alfa Dos Santos Silom (UNILAB)	CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM GUINÉ-BISSAU
12	João Vitor Bispo Cerqueira (UNILAB) Igor Ximenes Graciano (UNILAB)	A EPOPEIA E O ROMANCE NA LITERATURA DE CORDEL: BULE-BULE, <i>ORIXÁS EM CORDEL</i>
13	Alquiloma João Iala (UNILAB) Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (UNILAB)	<i>MANDJUANDADI</i> : A VOZ DAS MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE
14	Caio Teixeira da Silva (UNILAB) Carlindo Fausto Antônio (UNILAB)	ESCREVIVÊNCIA NA VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

15	Segunda Cá (UNILAB) Alexandre António Timbane (UNILAB)	<i>DECOLONIALIDADE: UM MECANISMO PARA MUDANÇAS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU</i>
16	Anderson da Silva Bezerra (UNILAB)	A IMPORTÂNCIA DA CULTURA PARA UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA
17	Lauci João Correia (UNILAB)	TABUS LINGUÍSTICOS NO GUINEENSE MODERNO: XINGAMENTOS



RESUMOS DAS PALESTRAS

Convidado: Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte



Possui graduação em Letras pela UFMG (1973), mestrado em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro (1978) e doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela USP (1991). Cumpriu programas de Pós-doutorado na UNICAMP e na UFF. Aposentado em 2005, mantém vínculo voluntário com a UFMG, atuando como professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários. Participa do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Alteridade - NEIA. Trabalha, em especial, com os seguin-

tes temas: “literatura e alteridade”; “literatura afro-brasileira”; “romance, história, sociedade”; “Machado de Assis; Jorge Amado”. Coordena o grupo de pesquisa “Afrodescendências na Literatura Brasileira” (CNPq) e o “Literafro” - Portal da Literatura Afro-brasileira com informações biobibliográficas, críticas e excertos de mais de 100 autores.

PALESTRA DE ABERTURA: MACHADO DE ASSIS AFRODESCENDENTE

Prof. Dr. Eduardo de Assis Duarte (UFMG)

RESUMO:

Inicialmente uma mistura de dança e jogo, a capoeira se desenvolveu no Brasil a partir da contribuição africana, sobretudo através dos fundamentos introduzidos por escravizados da etnia banto. Sua principal característica é a ginga, movimento de

corpo destinado a enganar o oponente e que traduz toda a malícia inerente à prática de dissimular os golpes em esquivos passos de dança. O presente trabalho tem como proposta uma releitura da obra de Machado de Assis, objetivando ressaltar os movimentos de sua escrita, marcada igualmente por uma ginga maliciosa e dissimuladora, que despista a desconstrução dos padrões senhoriais de sociedade, civilização e cultura, conferindo um fundamento étnico à sua famosa ironia.

PALAVRAS-CHAVE:

Dança. Jogo. Machado de Assis. Movimentos.

Convidada: Profa. Dra. Carolin Overhoff
Ferreira



É Professora Associada nos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Campus Guarulhos. Possui pós-doutoramento sênior pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP) em cinema. Estudou Ciência de Teatro/Seminário de Cinema e História da Arte na Universidade de Viena (1990), University of Bristol (1991), Universidade Humboldt, Berlim (1992), e Universidade Livre de Berlim (1993). Possui mestrado em

Ciência de Teatro e História da Arte (1993) e doutorado em Ciência de Teatro (1997) pela Universidade Livre de Berlim. Foi professora adjunta convidada com exclusividade no Curso de Som e Imagem, Universidade Católica Portuguesa, Porto de 2000-2007; professora convidada em 2006, na Universidade de Coimbra,

docente na Universidade Livre de Berlim em 1999 e, entre 1995-1999, na Universidade de Ciências e Artes Aplicadas em Hannover. Tem experiência como docente e pesquisadora na área de Artes, com ênfase em Cinema, Teatro, Teoria e História da Arte. No campo das artes aplicadas, atuou como dramaturgista (Teatro Nacional de Hannover, Ópera Nacional de Stuttgart, projetos teatrais com financiamento federal e estadual em Portugal e no Brasil) e como crítica de teatro (Folha de São Paulo). Estuda a relação entre arte e política através dos seguintes temas: teoria e história do cinema, do teatro e da arte; cinema, arte e dramaturgia contemporâneos; diálogos interartes e adaptações literárias; cinemas de língua portuguesa, suas identidades nacional e transnacional, e suas relações coloniais e pós-coloniais.

PALESTRA: ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO - UMA LINGUAGEM EXCEPCIONAL DE (RE)EXISTÊNCIA BRASILEIRA

Prof^ª. Dra. Carolin Overhoff Ferreira (UNIFESP)

RESUMO:

Arthur Bispo do Rosário é hoje um dos artistas brasileiros mais conhecidos e estudados nacional e internacionalmente. Seu trabalho tem sido amplamente exibido em bienais e museus brasileiros e europeus. Quando ele era jovem, tinha visões de si mesmo como Jesus, e a Virgem Maria conversava com ele desde que era criança. Fato que ele comunicou à Igreja Católica no Rio de Janeiro no final da década de 1930. Como resposta, ele foi internado em uma instituição psiquiátrica, onde criou mais de 800 obras de arte. Elas foram exibidas pela primeira vez no contexto da arte do inconsciente (*art brut*) na década de 1980, enquanto hoje são reivindicadas não apenas como arte conceitual de destaque, comparados com obras de Marcel Duchamp, Arman, Daniel Spoerri, Tony Cragg Hélio Oiticica etc., mas também como arte afro-brasileira. A palestra propõe que ele não deve ser visto nem como gênio delirante nem como artista, mas no contexto da espiritualidade e das visões que o levaram a criá-la. Meu argumento é, de fato, que usando esses conceitos da história da arte europeia, a dimensão espiritual de Bispo está sendo subestimada e sua

proximidade com as práticas culturais africanas e populares negligenciada. Com base nesse entendimento, sugiro que sua obra é parecida somente formalmente com a do circuito das artes. Levando em consideração sua transculturação e seu sincretismo, argumento que ela deve ser estudada como terceiro espaço. Atendendo às cosmovisões dos povos originários e dos escravizados africanos presentes nela, Bispo e sua “arte” demonstram, assim, que é possível teorizar a arte brasileira de maneira decolonial, além da discussão de sua relação com a arte europeia. Defendo, portanto, que ele e sua obra oferecem um estudo de caso impressionante que demonstra a necessidade de descolonizar nossa perspectiva sobre as artes e a história da arte em geral, tanto no Brasil quanto em outros lugares. A palestra foi promovida com o apoio do Projeto de Extensão *Leituras do Contemporâneo*, coordenado pela Profa. Dra. Giselle Rodrigues Ribeiro, docente do Instituto de Humanidades e Letras do Campus dos Malês da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB).

PALAVRAS-CHAVE:

Arte. Cultura. Comovisões. Literatura.

RESUMOS DA MESA-REDONDA

MESA REDONDA: **FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM CONTEXTOS DE (RE)EXISTÊNCIAS: O LUGAR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE**

Carlos Héric Silva Oliveira (UNILAB)

Carla Verônica Albuquerque Almeida (UNILAB)

Joilma Menezes Sales da Cruz (CEAJAT)

RESUMO:

O objetivo da mesa redonda é oferecer um espaço de discussão sobre formação inicial de professores para o ensino de língua portuguesa, orientadas por reflexões pedagógicas e relatos de experiências profissionais na educação básica. As pesquisas apresentadas foram realizadas em contextos diferentes de formação. O que torna a produção das reflexões comum nesta mesa redonda é o lugar das discussões: o estágio supervisionado. A primeira comunicação enfatiza os aportes teóricos do saber-fazer e o querer-fazer na situação de estágio, com ênfase na prática da atividade e seus desdobramentos no ensino de língua portuguesa. A segunda comunicação faz reflexões sobre a prática do estágio curricular e o papel que esse componente representa na construção da identidade de futuros professores. A terceira comunicação ressalta o estágio como o lugar que proporciona oportunidades de relacionar a teoria e a prática na construção do conhecimento profissional.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio docente. Formação de professor. Experiências profissionais.

**MESA REDONDA: A CONSTRUÇÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: O
SABER-FAZER E O QUERER-FAZER NA SITUAÇÃO DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO**

Carlos Héric Silva Oliveira (UNILAB)

RESUMO:

O ensino de língua portuguesa não é tarefa fácil. Aprender a ensinar e ensinar, também não. Tomemos, nesta reflexão, o ensino como atividade complexa e sistemática sob a perspectiva do trabalho profissional acadêmico, principalmente, quando falamos no contexto do estágio supervisionado. Nesse sentido, propomos discutir sobre a prática de ensino no agir docente em estágio supervisionado e seus desdobramentos do saber-fazer e do querer-fazer. Consideraremos os aportes teóricos do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), especialmente, Bronckart (1999/2012; 2006; 2008) e Leurquin (2013), para ratificar que o trabalho docente é construído, também, no espaço da formação inicial de professores marcado pelo estágio supervisionado.

PALAVRAS-CHAVE:

Formação inicial. Professores. Estágio Supervisionado. Ensino de Língua Portuguesa. Saber-fazer/Querer-fazer.

**MESA REDONDA: ESTÁGIO SUPERVISIONADO: INTERFACES ENTRE
FORMAÇÃO E IDENTIDADE DOCENTE EM CONSTRUÇÃO**

Carla Verônica Albuquerque Almeida (UNILAB)

RESUMO:

A prática do estágio curricular supervisionado na formação docente desempenha papel primordial na construção da identidade de futuros profissionais. Frente aos novos desafios com os quais se depara nos dias atuais, faz-se necessária uma nova forma de educar, ensinar e de definir a profissão docente. Nesse sentido, é preciso formar e formar-se enquanto profissional reflexivo, autônomo, capaz de compreender a realidade em que atua e seu papel nesta realidade. Enquanto *lócus* de aprendizagem, conhecimento e troca de experiências, o estágio

supervisionado possibilita vivências que tornam possíveis construir e/ou ressignificar a identidade docente no processo de formação. A construção da identidade profissional pautada no modelo de autoformação e de como cada um se sente e se faz profissional, exige reflexão da/e sobre a prática docente como dimensão do processo de formação. Nesta perspectiva, o estágio se constitui como catalizador da experiência de investigação da prática pedagógica e do exercício da docência, bem como das concepções e histórias dos futuros/as docentes.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio Supervisionado. Formação. Identidade Docente. Profissão Docente.

**MESA REDONDA: A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO PARA A
FORMAÇÃO DO DOCENTE NO ENSINO MÉDIO**

Joilma Menezes Sales da Cruz (CEAJAT)

RESUMO:

O estágio serve como um campo de conhecimento que envolve a observação, questionamentos e propostas de intervenções, assim proporciona oportunidades para relacionar a teoria e prática com a realidade do cotidiano escolar. Nele, o profissional conhece os aspectos indispensáveis para a sua formação, a construção da identidade docente e dos saberes do dia a dia. É necessário que os futuros licenciados desvinculem a concepção da prática do docente no ensino médio pautada na utilização de técnicas para execução de operações e ações próprias, a prática pela prática, sem as devidas reflexões. Durante o estágio, o futuro licenciado perceberá que, na escola, há uma diversidade humana em um espaço escolar dinâmico em constantes mudanças influenciadas por ações externas e que a todo o momento são necessários reflexão e replanejamento. A prática do estágio concede a construção de uma visão mais ampla e transparente da formação, despertando reflexões sobre o processo de ensino e de aprendizagem no Ensino Médio do século XXI.

PALAVRAS-CHAVE:

Estágio Supervisionado. Formação Docente. Ensino Médio.

RESUMO DA SESSÃO DE CURTAS

**Convidada: Curadora Ana Camila Esteves
(UFBA)**



Possui graduação em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia (2009) e é Mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela mesma instituição (2011). Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Comunicação Audiovisual e Cinema, atuando, principalmente, nos seguintes temas: cinema, poética do filme, análise fílmica, política dos autores, autoria cinematográfica, narrativa autobiográfica e experiência ficcional. Além de

focar na pesquisa sobre a perspectiva narrativa da teoria do autor, dedica-se, no âmbito do doutorado, ao estudo das experiências urbanas nos cinemas africanos contemporâneos a partir da análise de filmes africanos sob uma perspectiva estética. Atua desde 2009 como produtora e assessora de comunicação de produtos culturais e é curadora da Mostra de Cinemas Africanos.

SESSÃO DE CURTAS: LEITURAS DO CONTEMPORÂNEO - MASCULINIDADES POSSÍVEIS NA ÁFRICA CONTEMPORÂNEA

Ana Camila Esteves (UFBA)

Giselle Rodrigues Ribeiro (UNILAB)

RESUMO:

A proposta da sessão era exibir curtas que tratassem de masculinidades possíveis e da infância na África contemporânea, de afrofuturismos e de experiências afrodiáspóricas na França. Seguindo-se à exibição, destaca-se o momento dedicado

a uma conversa com a curadora. Foram exibidos os curtas *Twaaga*, de Burkina Faso, escrito e dirigido por Cedric Ido; *Pumzi*, do Quênia, com roteiro e direção de Wanuri Kahiu; *Soko Sonko*, do Quênia, dirigido por Ekwa Msangi; *Maman(s)*, de Senegal e França, dirigido por Maimouna Doucouré; e *O azul-branco-vermelho dos meus cabelos*, de Camarões e França, dirigido por Josza Anjembe. Essa mostra de curtas africanos foi promovida pelo Projeto de Extensão *Leituras do Contemporâneo*, coordenado pela Profa. Dra. Giselle Rodrigues Ribeiro (UNILAB).

PALAVRAS-CHAVE:

Curtas africanos. Filmes. Afrofuturismo. Afrodiaspórica.

MINICURSO: PESQUISA EM LINGUÍSTICA: UMA INTRODUÇÃO AO TRABALHO DE CAMPO

Shirley Freitas Sousa (UNILAB)

Manuele Bandeira de Andrade Lima (UNILAB)

RESUMO:

Durante muito tempo, traçou-se uma linha divisória imaginária separando os linguistas teóricos dos linguistas de campo. Assim, enquanto os primeiros tinham como principal objetivo elucidar a estrutura da língua humana, os últimos almejavam descobrir línguas novas e diferentes daquelas previamente registradas e estudadas. Contudo, muitos estudiosos, a exemplo de Vaux & Cooper (1999), têm evidenciado que os dados não possuem significado em si, é justamente a fundamentação teórica que ditará que fenômenos são interessantes e quais não os são. Em outras palavras, a pesquisa empírica não dispensa a teórica, assim como teorias precisam ser alimentadas por registros reais – e impossíveis – de fala, dados que, muitas vezes, só podem ser encontrados e registrados em trabalho de campo, sobretudo, os dados agramaticais que dificilmente são demonstrados em fontes escritas disponíveis. Diante disso, o minicurso *Pesquisa em linguística: uma introdução ao trabalho de campo* tem como finalidade discutir questões relacionadas à pesquisa de campo iniciando a discussão com a demonstração de aspectos básicos, tais como: *o que é, quando fazer e para que fazer o trabalho de campo*. Posteriormente, trataremos dos desafios comuns para seleção do informante e discutiremos também quais fatores deverão ser considerados para a escolha dos indivíduos. Após a seleção, outro desafio usual se encontra na relação de interação entre os informantes e o pesquisador, no minicurso, apresentaremos confrontos comuns e maneiras diversas para uma resolução pacífica. Para tanto, serão apresentados os procedimentos teórico-metodológicos básicos a fim de garantir que o trabalho seja realizado de maneira eficiente e harmônica. Ademais, discutiremos a importância de seguir princípios éticos no campo para um melhor aproveitamento do trabalho, garantindo com isso o respeito à dignidade humana dos agentes envolvidos na atividade, uma vez que trabalho de campo não pode se equivar a “forçar”

informantes a absorver os padrões, sociais, linguísticos e culturais, dos pesquisadores.

PALAVRAS-CHAVE:

Pesquisa científica. Teoria. Metodologia. Campo. Ética.

MINICURSO: SARAU LITERARTE – UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA NA PESQUISA EM LITERATURA E OUTRAS LINGUAGENS

Mirian Sumica Carneiro Reis (UNILAB)

RESUMO:

Cadastrado no Diretório de Pesquisas do CNPq em outubro de 2015, O *Literarte* – Grupo de Estudos em Literatura e Outras Linguagens está abrigado no curso de Licenciatura em Letras da Unilab e é coordenado pela Prof^a Dra Mirian Sumica Carneiro Reis. Desde sua criação, repercute em seus temas e objetos de pesquisa discussões sobre memórias, identidades, literaturas, cinemas, em relação suplementar com a formação de leitores, o papel do educador, o gosto pela leitura em seus diversos suportes. De modo geral, o trabalho direcionado à Iniciação Científica prevê o estímulo à formação de pesquisadores interessados em aprimorar seus conhecimentos e multiplicá-los em sua prática acadêmica futura. No entanto, as ações do *Literarte - Grupo de Estudos em Literatura e outras linguagens* não se restringem à formação de pesquisa restrita aos estudantes com projetos vinculados à Iniciação Científica. Pelo menos uma vez a cada mês, o grupo promove saraus, que muitas vezes acompanham palestras de convidados externos que vêm ao campus compartilhar suas pesquisas com a comunidade Unilab. Os saraus promovem assim a interação entre pesquisa e comunidade numa perspectiva que se aproxima da extensão, mas em diferença, na medida em que mantém o foco nas discussões de caráter científico entremeadas de arte e poesia. A ciência perde o estigma de lugar hermético e ganha nova aura: a de integração. Com as ações do *Literarte*, pretende-se contribuir com a missão universitária de formação também pela/para a pesquisa, além do ensino e da extensão, sobretudo no tocante às reflexões sobre as memórias e representações identitárias que unem brasileiros e

povos africanos pela história, pela cultura e pelo desejo de integração solidária. A análise de produtos culturais em leitura integrada com textos críticos e teóricos prevê a revisão de paradigmas éticos e estéticos para desconstruir estereótipos e reivindicar outros olhares sobre questões como representação, corpo, raça, memória e cultura. Na III Semana de Letras da UNILAB, realizada de 3 a 5 de dezembro de 2019, o sarau *Literarte* apresentou textos produzidos por estudantes da comunidade acadêmica, além de autores já consagrados das literaturas brasileiras e africanas de língua portuguesa. A organização do sarau foi realizada pelos bolsistas Manoela Ventura e João Vítor Cerqueira, que idealizaram uma sessão aberta de declamação, marcada por performances carregadas de potência criativa.

Palavras-chave:

Sarau. Literatura. Integração. Lusofonia.

MINICURSO: CONTANDO HISTÓRIAS DE SÃO FRANCISCO DO CONDE

José Jorge do Espírito Santo (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre SFC)

José Marcelo Conceição Silva (Núcleo de Estudo e Pesquisa sobre SFC)

RESUMO:

Neste minicurso apresentamos características históricas da Cidade de São Francisco do Conde (Bahia-BA) e do Recôncavo Baiano para uma outra compreensão da História oficial do Brasil, adequando esses temas às vivências e práticas da sala de aula. Inicialmente, abordam-se textos da passagem do Poeta Gregório de Matos, “o boca do inferno”, na antiga Vila, onde o autor descreve a vivência local no período seiscentista; logo após, discute-se a importância do Karimurê – Grande Mar – dos indígenas, no período da colonização brasileira. O objetivo deste minicurso é demonstrar, a partir do Livro Tratado Descritivo do Brasil em 1587, de Gabriel Soares de Sousa, a ocupação Territorial e Histórica das Terras do Conde de Linhares, que, em 1698, foi elevada à categoria de vila sendo protagonista do período áureo do ouro branco do Brasil Colonial. O grande desafio

após do minicurso é traspor os conhecimentos históricos sobre São Francisco do Conde nas práticas cotidianas de sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE:

História. Contação. São Francisco do Conde. Memória.

OFICINA: A SEMÂNTICA DO BAIANÊS. VOCÊ SABE BAINÊS? PEGUE A VISÃO

Daiane Teixeira (UNILAB)

Everton Pereira Silva (UNILAB)

Joelma Neri (UNILAB)

Priscila Antônia (UNILAB)

Valmira Damasceno (UNILAB)

Profa. Wânia Miranda Araújo da Silva (UNILAB)

RESUMO:

A linguagem é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações comunicativas, como a pintura, a música e a dança. A língua, por sua vez, é o conjunto de elementos (sons e gestos) que também possibilitam a comunicação. Esta é entendida como social, inserida dentro de um contexto cultural. A Semântica, área da Linguística cujo objetivo é o estudo do significado, leva em conta os diferentes contextos em que os enunciados são produzidos. Estes contextos podem variar a depender de fatores sociais, culturais, econômicos e geográficos. Aliada aos pressupostos da Semântica e da Sociolinguística, que estuda as relações entre língua e sociedade bem como o comportamento linguístico dos indivíduos numa comunidade de fala, este determinado pelas relações sociais, culturais e econômicas, a presente oficina foi criada considerando a variação linguística existente no português brasileiro e a importância de estabelecermos uma comunicação efetiva, que leva em conta o contexto geográfico no qual a comunidade unilabiana está inserida, a saber, o Recôncavo Baiano, para além do fato desta Universidade apresentar um cenário no

qual estão em constante interação alunos e alunas de diferentes nacionalidades. A oficina tem por finalidade refletir sobre as particularidades regionais que envolvem o chamado dialeto baiano, ou baianês. Apresentaremos os conceitos de variação linguística, dialeto, língua, entre outros, a fim de refletirmos sobre as diferenças existentes no português brasileiro e, em especial, na variedade falada pelas alunas e alunos brasileiros da Unilab. É importante ressaltar que a presente oficina está em consonância com o projeto de integração da Unilab, pois, ao explorarmos e entendermos as questões pertinentes ao baianês, estaremos atuando como facilitadores da intercompreensão entre os.as estudantes que convivem diariamente no espaço universitário. Buscaremos enfatizar a importância de entendermos os diferentes contextos comunicativos e como se dá a variação diatópica no português, apresentando as características das palavras, sentenças e expressões do baianês.

PALAVRAS-CHAVE:

Linguagem. Baianês. Variação. Semântica.

SHOW MUSICAL: LETRA & MÚSICA NA SEMANA DE LETRAS

Marli Aparecida Rosa (UNILAB)

RESUMO:

O Projeto de Extensão *Letra & Música* - criado a partir do Grupo de Pesquisa da Unilab cadastrado no CNPq “Take 2: Audiovisual e Música Popular”, liderado pela Prof^a Dra. Marli Rosa - formulou especialmente para a III Semana de Letras um show musical com repertório composto por canções da Música Brasileira de diferentes épocas e gêneros musicais. Com uma orientação voltada para a multiplicidade de expressões culturais, esse projeto leva para a comunidade interna e externa da Unilab o ensino integrado de Música e de Línguas (portuguesa, inglesa e espanhola) de forma integrada e interdisciplinar. Para a III Semana de Letras, optamos por apresentar um repertório especial que constituiu um verdadeiro passeio musical pelos séculos XX e XXI, no qual o *Letra & Música* convidou o público a

revisitar clássicos da MPB (Música Popular Brasileira), do rock nacional, do cancionero popular da Região do Recôncavo Baiano, além de músicas religiosas do candomblé e do cristianismo (hinos católicos e músicas gospel), formando, assim, um panorama complexo da rica diversidade musical que marca a cultura brasileira. Com acompanhamento musical de violões, foi escolhido para este show o formato acústico com coral, constituído por discentes do Curso de Letras do Campus dos Malês que participam das oficinas musicais semanais do referido projeto de extensão. No repertório foram apresentados composições e sucessos de Luiz Gonzaga, Raul Seixas, Lulu Santos, Legião Urbana, Os Tribalistas, além de composições populares como “Alô Meu Santo Amaro”, “Marinheiro Só”, “Cordeiro de Nanã”, entre diversos outros. Na experiência vivida no projeto *Letra & Música*, os alunos participantes tiveram a oportunidade de desenvolver e aperfeiçoar não apenas seus talentos musicais, mas também habilidades de comunicação, a linguagem corporal, múltiplas inteligências (em especial a inteligência intra e a interpessoal), habilidades de trabalho em grupo, além de autoestima, valorização da ancestralidade e motivação para a vida. Esse trabalho ocorreu tanto nos ensaios do grupo como nas apresentações musicais, realizadas regularmente em eventos da Unilab (como o Festival das Culturas e a Semana Acadêmica da Unilab) e também em espaços para além da universidade. Atualmente o projeto conta com uma bolsa da Pró-Reitoria de Extensão, Arte e Cultura (PROEX/UNILAB), atribuída ao discente e músico Vitor Fagundes de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura. Letra. Músicas. Evento.

COMUNICAÇÕES ORAIS

ORIGENS DE UMA AUTOFICÇÃO DIASPÓRICA EM “DIÁRIO DO HOSPÍCIO” EM “CEMITÉRIO DOS VIVOS”, DE LIMA BARRETO

Bruna Helena Farias Barretto (UNILAB/PIBIC/FAPESB)

Igor Ximenes Graciano (UNILAB)

RESUMO:

O projeto de pesquisa volta-se para as narrativas *Diário do hospício* e *O cemitério dos Vivos*, de Lima Barreto, de modo a se fazer uma leitura comparada entre o diário escrito pelo autor há cem anos, na ocasião de sua internação numa instituição psiquiátrica, e o romance inacabado inspirado por essa experiência traumática vivida pelo escritor. Considerando o conceito de “pós-autonomia” (LUDMER, 2007), segundo o qual a ideia de autonomia do romance e a noção corriqueira de “real” se confundem, essas narrativas se pronunciam como denúncia a partir da escrita de si e do outro, especialmente pelo fato de Lima Barreto ser um intelectual negro e periférico. Esse apelo (auto)biográfico em ambas as narrativas, portanto, serve como documento e alegoria do lugar do escritor na sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX. Diante disso, pretende-se ainda investigar o lugar do romance *O cemitério dos vivos* no campo literário do século XXI como origem e reconfiguração, em chave diaspórica, da autoficção contemporânea. O objetivo da pesquisa é delinear, a partir das narrativas de Lima Barreto, o arcabouço teórico em torno de questões referentes ao “pacto ambíguo” (ALBERCA, 2007) estabelecido em romances que carregam elementos biográficos dando um passo no sentido de refletir sobre o lugar de Lima Barreto como precursor de uma narratividade contemporânea pós-autônoma, nos termos já referidos por Ludmer (2007), e que resulta como expressão individual e participação política diaspórica a um só tempo.

PALAVRAS-CHAVE:

Autoficção Diaspórica. Arte Política. Lima Barreto. Narrativas.

SEJA WANYENGA XITU: UM EXEMPLO PARA A ANGOLANIZAÇÃO

Dumilde Virgílio Carvalho Artur (UNILAB)

RESUMO:

Este resumo aborda o modo como Wanyenga Xitu teve um papel fundamental na desconstrução da exclusiva valorização de hábitos e costumes da cultura ocidental, que colocava de lado os hábitos e costumes dos povos nativos de Angola. Destaca-se, por meio da contribuição literária no conto *Mestre tamoda* (1984), como a assimilação (alienação) leva um indivíduo a desprezar a sua própria cultura, o que pode conduzir ao isolamento social. É possível dizer que o comportamento social e político em Angola tende mais para a alienação cultural ocidental do que para a valorização ou a apropriação cultural endógena. A visão dos contos de Xitu norteou este trabalho como uma chamada de atenção ao que deveria se entender por línguas de Angola, culturas e hábitos a serem elevados na Angola contemporânea (independente). Por esse motivo, este trabalho procurou levantar, como fez o autor Xitu em contos como *Vozes na sanzala (Kahitu)*, 1976, uma lembrança viva do legado cultural dos “mais velhos”, aqueles que preservaram e passaram seus saberes e costumes para um convívio rico e harmonioso de tempos antes da invasão europeia. Aqui, a angolanização traz a reflexão sobre o comportamento sociocultural que serviria como uma maior valorização da cultura (angola-africana), reconstrução histórica e a prática da divulgação das línguas presentes no país; traz também a reflexão de que todo(a) angolano(a), especificamente, os políticos, deveria adotar essas línguas como reforço na educação e nos programas televisivos, seguindo, assim, uma agenda política desejável para a ressignificação do valor da independência que o país alcançou em 1975. A angolanização, ou o orgulho nacional, deve trazer o orgulho cultural, que foi apagado pela cultura ocidental, e a política não pode ser vista como um lugar isento da aculturação, pois é por lá que figuras como Wanyenga Xitu surgem como exemplos para angolanização a partir do lugar político.

PALAVRAS-CHAVE:

Wanyenga Xitu. Angolanização. Assimilação.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DA LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA SURDA

Everton Pereira da Silva (UNILAB/PIBIC/FAPESB)

João Lipe Nogueira Reis (UCAL)

Alexandre António Timbane (UNILAB)

RESUMO:

A língua de sinais é muito complexa, tal como qualquer outra língua natural. A Libras apresenta todos os níveis linguísticos: semântica, a morfologia, léxico e a sintaxe (GESSER, 2009), o que significa que ela serve de instrumento de comunicação pleno. A diferença entre as línguas orais e de sinais se localiza no canal de comunicação que é o visual e motor para o segundo caso. A Libras e seu respectivo ensino são assuntos fundamentais nas sociedades modernas e são de interesse dos profissionais que lidam e acompanham a surdez na busca de informações e orientações que possam esclarecer muitas dúvidas, que até pouco tempo atrás eram invisíveis. Atualmente se observa um novo desafio para a educação e a vivência social, a inclusão de surdos na rede regular de ensino, que, de fato, estabeleceu certas necessidades de adaptações, fazendo com que a sala de aula, o consultório médico, as empresas, dentre outros, possam receber e adaptar situações que possam acolher pessoas surdas. Sabemos que a língua sofre variações ao longo de utilização social. De acordo com Saussure (2006), a língua é um fato social e, desta forma, a sociedade não fala ou não sinaliza errado. As variações são normais em todas as línguas. Na Libras acontece o mesmo. Um sinal realizado na Bahia pode ser diferente do sinal de Goiás, por exemplo. A pesquisa visa discutir as variações linguísticas dos meses em diferentes regiões do Brasil e explicar a sua relação com a cultura. A cultura surda tem seus traços próprios e a interpretação do mundo se baseia na forma como o mundo é interpretado. É uma pesquisa bibliográfica porque se suporta com base de leitura de diversas obras que debatem sobre a variação linguística. A linguagem é inata e é perceptível, pois nascemos com a capacidade de utilizar diversos mecanismos. Com a Libras não é

diferente, a pessoa surda desenvolveu métodos similares para construir sua própria comunicação mesmo na ausência de um fator essencial para que haja o desenvolvimento da fala ou audição. Entretanto o desenvolvimento sensorial do surdo é muito mais amplo e absorve “todas” as informações visuais e perceptivas do ambiente. Os sinais apresentam dicas e caminhos em suas construções e isso tudo se relaciona à cultura. A Libras é composta por códigos visivelmente captados e interpretados numa estrutura diferente da língua portuguesa, porém podemos analisar que o usuário da língua constrói e continua construindo situação para explicar determinados sinais. A vivência e a localização geográfica são fatores que influenciam para que haja variantes da Libras. Toda e qualquer língua natural tem uma capacidade plena para a comunicação dos seus usuários.

PALAVRAS-CHAVE:

Libras. Cultura. Surdo. Variação regional.

AS LÍNGUAS AFRICANAS COMO IDENTIDADE E RESISTÊNCIA

Pansau Tamba (UNILAB/PIBIC)

Alexandre António Timbane (UNILAB)

RESUMO:

O continente africano possui quatro grandes famílias de línguas, nomeadamente nigero-congolesa (com 1436 línguas), afro-asiática (371 línguas), nilo-saariana (196 línguas) e koisan (35 línguas), dados que nos levam a estimar em mais de 2000 línguas, segundo Heine e Nurse (2000), Ngunga (2015) e Petter (2015). Segundo Nurse e Philippson (2003) e Maho (2003), as línguas bantu são classificadas em 15 zonas: A, B, C, D, E, F, G, K, L, M, N, P, R, S. A maior parte dessas línguas não são oficiais e não recebem nenhum apoio dos governos desde o período colonial. O conceito de culturlinguística é novo e trata das relações entre a cultura e a linguística que estão intimamente interligados. Há vários exemplos que mostram como os dois conceitos são “faces da mesma moeda”. A hipótese Sapir-Whorf revela essa relação

intrínseca. A língua de um povo é aquela que ocorre na fala de forma natural resultante da construção mútua da sociedade. Por essa razão, Saussure chamou atenção à necessidade de compreender a língua como entidade social criada e convencionada pelo corpo social (SAUSSURE, 2006). Os discípulos labovianos defendem ser inútil estudar a língua fora do seu contexto social. Desta forma coletam e estudam dados reais da comunicação extraídos da fala real sem privilegiar a artificialidade da língua. A presente pesquisa analisou o impacto das línguas africanas como identidade e resistência mesmo após 5 séculos de colonização. Os colonos proibiram o uso das línguas autóctones, mas, mesmo assim, muitas delas resistiram ao tempo como forma de resistência. É uma pesquisa bibliográfica que se baseia na leitura e discussão de diversos linguistas e antropológicos que debatem a temática. Da pesquisa se conclui que cabe à sociedade preservar, consolidar e expandir a língua pelas novas gerações. Não existe uma língua viva que esteja estática enquanto instrumento de comunicação. Por isso que se insiste na oficialização das línguas africanas, assim como o incentivo ao ensino e expansão das mesmas. A língua não é apenas um meio de comunicação, mas também é meio de expressão da cultura. Muitos aspectos língua só podem ser interpretados dentro da cultura.

PALAVRAS-CHAVE:

Língua. Cultura. Identidade. Resistência.

PROCESSOS FONOLÓGICOS NO GUINEENSE MODERNO

Natali da Anunciação Santos (UNILAB)

Shirley Freitas Sousa (UNILAB)

RESUMO:

Este trabalho pretende analisar alguns processos fonológicos do guineense moderno e, a partir daí, apontar as características próprias da língua guineense, retirando a ideia de que a língua é simples e corrompida do português. O guineense

é a língua de base lexical portuguesa menos estudada, e isso corrobora para as concepções errôneas sobre a língua, como: “simplicidade ou forma errada de falar o português” assumidas por muitos autores que debatem sobre as línguas crioulas. Sabemos que o guineense surgiu a partir de ambiente multilinguístico e apresenta uma base lexical portuguesa, mas não podemos considerar uma ligação direta entre o guineense e a língua portuguesa, nem mesmo como uma herança como alguns autores propõem. Assim, ao analisar e descrever a língua guineense, estamos contribuindo para trabalhos que falem sobre a língua guineense, em contexto fonético e fonológico. Para análise e descrição dos processos fonológicos do presente trabalho, realizamos entrevistas com seis informantes, todos estudantes da Unilab-Campus dos Malês (São Francisco do Conde). Entre os informantes, três tinham acabado de chegar da Guiné Bissau, dois chegaram ao Brasil em janeiro de 2018 e um chegou em maio de 2014. Para entrevista utilizamos 25 palavras retiradas do *Dicionário da língua guineense* (SCANTAMBURLO, 2002). Consideramos os seguintes processos fonológicos: (i) Palatalização do /s/; (ii) velarização do /l/. Esses fonemas foram analisadas de acordo com a posição que ocupam na sílaba: coda medial e final e *onset* inicial (apenas no caso do /s/). Observamos a ocorrência do processo de palatalização do /s/, em posição de *onset* complexo em todos os informantes, como por exemplo: [ʃkɔɫɐ] “escola”, [ʃkadɐ] “escada”, o que confirma a análise de Costa (2014). Em posição de coda silábica, temos a realização do fonema /ʃ/ em algumas palavras, vejamos os exemplos: [fɛʃtɐ] “festa”, [kaʃkɐ] “casca”, mas não tivemos a ocorrência na palavra [gɔstɐ] “gosta”, podendo estar associado a uma possível influência das línguas de contato. No processo de velarização do /l/, analisamos a ocorrência em posição de coda silábica medial e absoluta, sendo representado pelo fone [ɫ], como por exemplo: [sɔɫ] “sol”, [aɫtɔh] “altar”, em apenas 1 informante não houve a velarização do /l/ na palavra [afiɫnaw] “afinal”, apresentando um processo que muitos autores denominam de vocalização do /l/. Uma das hipóteses para ocorrência desse processo pode estar na influência do contato com a língua portuguesa ou apenas

uma especificidade dessa palavra ou do próprio informante. Concluímos que a língua guineense apresenta estruturas próprias como qualquer outra língua e que não passa de uma concepção errônea considerar a língua sob característica do português, mesmo esse português sendo a base lexical dessa língua.

PALAVRAS-CHAVE:

Língua guineense. Processos fonológicos. Guineense moderno.

IDEOFONES NO GUINEENSE MODERNO: UMA ANÁLISE MORFOLÓGICA

João Eusébio Imbatene (UNILAB)

Manuele Bandeira de Andrade Lima (UNILAB)

RESUMO:

O presente trabalho pretende compreender o emprego dos ideofones no guineense moderno. Os ideofones são partes lexicais ligadas a um vocábulo na língua com o objetivo de ampliar informações da palavra a que são acrescentadas. Geralmente cada ideofone é de uso restrito e quase exclusivo para ligar a um único item na língua Araujo (em preparação). O guineense é uma língua de contato de base lexical portuguesa falada na Guiné-Bissau, um país localizado na costa da África ocidental. É a língua que domina a esfera comunicativa nesse território, posto que 90% população da região a usa no seu dia a dia contra 10% que usa o português; mesmo assim, a última língua é a oficial do país de acordo com Fernandes (2010, p. 9). Por conta de afirmações equivocadas de alguns teóricos sobre as línguas de contato, que consideram estas não complexas morfológicamente como defende McWhorter (1998), este estudo procura provar que o guineense, uma língua de contato, possui morfologia complexa. A este propósito, foram efetuadas as coletas das formas de ideofones no guineense moderno através do dicionário bilingue, guineense e português de Scantamburlo (2002) e o uso do nosso conhecimento linguístico de falante nativo da mesma língua. A título das análises do *corpus*, foram destacados os interesses às classes gramaticais possíveis de receber as partículas ideofônicas,

assim como o estabelecimento das estruturas silábicas dos ideofones estabelecidas pela fonética guineense e a identificação das relações lexicais e gramaticais entre as formas bases e as bases quando acrescentadas as partículas ideofônicas. Embora os resultados sejam parciais, constata-se que o verbo e o nome são classes gramaticais possíveis de receber o acréscimo das partículas ideofônicas. As estruturas silábicas dos ideofones encontradas até o momento são: *burmedju wak* (CVC) ‘vermelhíssimo’, *burmedju watch* (CV.CV) ‘vermelhíssimo’, *branku fandan* (CVC.CVC) ‘branquíssimo’, *moli potok* (CV.CVC) ‘muito mole’, *sussu putchuk* (CV.CV.CV) ‘muito sujo’, *intchi kunkuden* (CVC.CV.CVC) ‘muito cheio’. Foi notado que alguns ideofones podem ser reduplicados, como é o caso de *limpu pus /limpu pus-pus* ‘limpíssimo’ e outros podem apresentar duas formas de realização morfológica *rissu kan* ou *rissu kankaran*, contudo, ambas as formas remetem ao mesmo sentido semântico de algo muito rígido. Enfim, esta pesquisa torna-se importante a partir do momento em que incentivará debate sobre os processos morfológicos nas línguas de contato. Além do mais, permitirá um acesso maior das informações morfológicas sobre o guineense moderno, algo que poderá facilitar estudos linguísticos de outras naturezas sobre o guineense que, até os dias atuais, mantém-se à margem do foco de estudiosos devido em parte à escassez de registros escritos sobre a referida língua.

PALAVRAS-CHAVE:

Ideofones. Guineense. Língua de contato. Morfologia.

A CRÍTICA SOCIAL EM “A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA: A LITERATURA GUINEENSE”

Marcos Vinicius da Hora Silva (UNILAB)

RESUMO:

Pretende-se, neste trabalho, abordar o papel da literatura guineense na crítica à colonização e aos problemas sociais do país, após a conquista da independência.

Para tal, utilizou-se a revisão de algumas literaturas sobre a temática. A literatura guineense, propriamente dita, teve seu início em 1973, com a publicação da antologia poética “Mantêhas para quem luta!”, mas antes desse período, houve a literatura colonial, produzida na antiga Guiné Portuguesa, por estrangeiros (portugueses e caboverdianos que viviam no território). Antes de 1973, os primeiros manifestos poéticos já denunciavam as mazelas sociais vividas pelo povo guineense durante a colonização e o eu lírico denunciava e criticava fortemente a colonização portuguesa e seus feitos. Este trabalho integra uma pesquisa bibliográfica que se propôs a analisar os conflitos existentes entre as tradições culturais Bissau-guineense e portuguesas, no período colonial. As produções literárias na Guiné-Bissau, ainda no período colonial, já denotavam revolta contra o julgo colonial e a indignação com a presença dos portugueses no território nacional. No romance *A última tragédia*, do escritor guineense Abdulai Sila, o autor fez um recuo histórico para retratar os conflitos entre as tradições culturais dos brancos (portugueses) e dos que foram colonizados (os guineenses de Bissau). A obra de Sila inaugura o gênero romance na literatura guineense, sendo publicado em 1995. Em sua obra, Sila aponta diversos conflitos que existiam na antiga Guiné Portuguesa, a exemplo disto, o desrespeito que os colonos tinham para com as formas de organizações sociais, políticas e culturais dos nativos, como no caso do regulado, que é um sistema em que pessoas mais velhas de uma dada comunidade, chefiam a mesma, podendo até intervir em algumas questões jurídicas. E o romance narra, com precisão, a tentativa de apagamento das tradições culturais locais, em detrimento do cristianismo, imposto pelos invasores.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura guineense. Colonização. Crítica social.

MOVIMENTO JOELMA - LETRA & MÚSICA, EXPRESSIVIDADES & TRAJETÓRIAS

Mateus Pereira Lago (UNILAB)

Elizia Cristina Ferreira (UNILAB)

RESUMO:

Esta apresentação busca analisar o discurso de representatividade cultural presente na música *Gigantes do Norte*, de composição e interpretação da cantora Joelma da Silva Mendes, natural de Almeirim (PA). A artista, tornou-se nacionalmente conhecida por integrar a Banda Calypso (1999-2015), que foi símbolo de altas vendas de CD's e DVD's no cenário musical brasileiro. Em carreira solo desde 2016, Joelma continua a difundir os ritmos característicos dos estados do Amazonas e Pará, como instrumento de linguagem artística, promovendo conhecimento e atraindo a atenção para as insígnias culturais da região Norte do Brasil. Em *Gigantes do Norte*, a terceira faixa do EP *Minhas Origens* (2019), a cantora, apresenta uma letra que expressa o orgulho em ser do Norte, por meio de citações aos estados do Amazonas e Pará, pontuando referências ao modo de vida das populações ribeirinhas e a paisagens típicas de cada lugar, bem como, às tradições e manifestações populares que foram preservadas e se renovam a cada ano. Através dessa canção, que mistura ritmos tradicionais, como o Carimbó, às tendências modernas, como a música POP, Joelma enfatiza seu compromisso na propagação de um sistema da arte, por meio da dança, figurino e performance, amparada nos elementos que resgatam questões abordadas sobre a cultura regional e exprimem a re(existência) e o reconhecimento de sua identidade nortista.

PALAVRAS-CHAVE:

Identidade. Cultura. Região Norte. Carimbó. Letra musical.

AFROLINGUAGENS, CORPOS DANÇANTES

Israel Mawete Ngola Manuel (UNILAB)

Jucélia Bispo dos Santos (UNILAB)

RESUMO:

A humanidade, desde a antiguidade, tem se servido de diversas maneiras para se comunicar. O presente artigo trata de relatos de experiências adquiridas durante a execução do projeto de extensão *Núcleo Artístico Latitudes Africanas: afro-linguagens, literatura corpos e estéticas*, doravante NULA, que está vinculado ao Programa de Bolsas de Extensão, Arte e Cultura – PIBEAC/UNILAB e visa proporcionar um espaço de formação e capacitação de artistas, a promoção da cidadania intercultural e o fortalecimento da cultura africana e afro-diaspórica através do ensino e aprendizagem de linguagens negras na sua interface com o corpo, línguas, literatura e estéticas. Assim, nos propomos a relatar as intervenções feitas no âmbito de extensão acadêmica como forma de combinar os conhecimentos acadêmicos e das vivências comunitárias. A nossa abordagem sobre o projeto vai de janeiro a setembro de 2019, mostrando seus desdobramentos. Foram desenvolvidas atividades e manifestações artísticas que atenderam a proposta do projeto. Foram aplicadas metodologias de participação coletiva pautada na pedagogia de Ubuntu. A maior parte das atividades foram realizadas em duas cidades baianas, São Francisco do Conde e Salvador, e isso foi feito através do ensino de danças de salão angolana (semba e kizomba), como também outras danças africanas. Considerando os resultados desta pesquisa, é plausível dizer que, a partir da afro-linguagem combinada com a arte, podemos pensar em outros valores civilizatórios. Além disso, as pessoas para as quais o projeto chegou mostravam-se satisfeitas e seus depoimentos apontavam a necessidade da existência de projetos dessa natureza.

PALAVRAS-CHAVE:

Danças de salão. Semba. Kizomba.

MARCAS DE DISCURSOS IDEOLÓGICOS NACIONALISTAS NA OBRA LITERÁRIA DE ANTÓNIO AGOSTINHO

Euclides Victorino Silva Afonso (UNILAB)

RESUMO:

A articulação literária, a música e as ideias de construção da nação foram elementos bastante importantes para os caminhos de lutas para a liberdade do povo angolano. Evidentemente que, durante muitos anos, os processos de lutas, acentuaram num tom libertário que, por muitas vezes, emoldura a atuação de alguns sujeitos históricos na condição de heróis nacionalistas. Ainda nesta perspectiva, procuramos, por meio de análise das fontes, encontrar traços que marcam ideias nacionalistas nas poesias de Neto durante o período colonial. A escrita netiana configura-se por elementos que contribuíram no processo de luta de libertação de nacional. Dessa forma, as sociedades da época estavam preocupadas com as condições que se vivia. A exclusão e a dominação foram fatores que obrigaram uma minoria a se levantar e a fazer frente ao governo colonial português. As constatações identificadas nos poemas de Neto mostram claramente como uma parte da sociedade angolana já se encontrava numa posição totalmente oposta ao regime imperial. As lutas e as reivindicações no período colonial em Angola não eram apenas feitas por movimentos, grupos, organizações, mas também por um conjunto de elementos que foram suscitando outros sujeitos a se posicionarem para dar um fim à colonização; portanto, as marcas de discursos e ideias nacionalistas são notadas em vários contextos: na música, na literatura e outros. A literatura foi um dos elementos bastante impulsionador para essa época; por isso, este estudo, compreende e analisa as ideias nacionalistas que discutiam a independência de Angola e como elas foram importantes no processo de libertação nacional. A partir da 2ª Guerra Mundial, os africanos começaram a ter ideias mais precisas sobre como por fim ao colonialismo. Começou-se a compreender que a exploração colonial não era apenas por determinado grupo, mas sim pela região toda, em geral todo o povo. O nacionalismo é uma ideia com um carácter nacional e não regional; foi um movimento caracterizado pela união dos povos que tinham em vista lutar contra

o sistema de dominação colonial em África, o que marcou a história dos séculos XIX e XX. A situação colonial era de exploração econômica aliada à discriminação racial.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura. Discursos ideológicos. Nacionalistas. Obras.

**CONSIDERAÇÕES SOBRE A PERCEPÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E O
PRECONCEITO LINGUÍSTICO EM GUINÉ-BISSAU**

Alfa Dos Santos Silom (UNILAB)

RESUMO:

O presente resumo apresenta os resultados de um trabalho de conclusão de curso cujo propósito é abordar a temática que tem ganhado importância ao longo do tempo, o preconceito linguístico, abrindo um espaço para a reflexão sobre esse fenômeno a partir do estudo da língua portuguesa falada em Guiné-Bissau. Descrevemos, de forma sucinta, a situação sócio-histórica e linguística da Guiné-Bissau, na qual abordamos o panorama linguístico do país e destacamos a consciência do ensino de língua portuguesa. Sublinhamos a prática do preconceito linguístico e como é percebido na Guiné-Bissau. Aplicamos um questionário para alguns estudantes que residem na Guiné-Bissau e no Brasil, concretamente em São Francisco do Conde (Bahia-BA), com a finalidade de perceber como esses falantes percebem a língua portuguesa e julgam alguns comportamentos/situações linguísticas. Para a realização do trabalho, foi feita revisão bibliográfica para embasar teoricamente o trabalho; foi feita coleta de dados; trata-se de uma pesquisa qualitativa. Durante a nossa pesquisa, percebemos que boa parte da sociedade guineense julga que o português falado no país, principalmente no interior, é ilegítimo e errado.

PALAVRAS-CHAVE:

Língua portuguesa. Guiné-Bissau. Preconceito linguístico. Variação linguística.

A EPOPEIA E ROMANCE NA LITERATURA DE CORDEL: BULE-BULE *ORIXÁS* *EM CORDEL*

João Vitor Bispo Cerqueira (UNILAB)

Igor Ximenes Graciano (UNILAB)

RESUMO:

As diversas narrativas e mitos dos Orixás, contados através das rimas da literatura de cordel, são o foco do autor Bule-Bule, *Orixás em cordel*, que reúne em uma mesma obra dois grandes segmentos que têm uma importância simbólica para a cultura brasileira: a literatura de cordel e o panteão africano. A narrativa junta dois elementos marginalizados: a literatura de cordel, por muito tempo marginalizada no campo literário devido à sua origem popular e por ser oriunda do Nordeste; e as narrativas dos Orixás, deusas e deuses africanos que foram trazidos pelos escravizados. Ao juntar esses elementos, que são marcas da cultura popular brasileira para transmitir conhecimento e informação à sociedade, que, por vezes, ignorou sua importância, Bule-Bule trabalha suas histórias resgatando características da epopeia e do romance, estabelecendo uma conexão com esses gêneros literários, criando uma narrativa que resgata essa ancestralidade para enaltecer a religião de matriz africana, que foi normalmente tratada de maneira cômica pela literatura de cordel durante muito tempo. O trabalho do autor é uma forma de preencher uma lacuna que existia no cordel, desenvolvendo uma narrativa de reparação e valorização. A escrita de Bule-Bule traz ao público a mitologia dos orixás, apresentando-a em uma magnífica combinação com o cordel e mostrando que a justiça de Xangô, o vento de Iansã, as águas de Iemanjá, a espada de Ogum, a sabedoria de Nanã, a doçura de Oxum, a esperteza de Exú e a paz de Oxalá são meios para vencer o preconceito e a intolerância.

PALAVRAS-CHAVE:

Literatura de cordel. Memória. Ancestralidade. Epopeia. Romance

MANDJUANDADI: A VOZ DAS MULHERES NA SOCIEDADE GUINEENSE

Alquiloma João lala (UNILAB)

Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre (UNILAB)

RESUMO:

A *mandjuandadi* é um coletivo de mulheres guineenses que se reúne em diversas praças e regiões da Guiné-Bissau. É importante destacar que a Guiné-Bissau é um país localizado na Costa Ocidental da África, que faz fronteira com a República de Senegal e a República da Guiné Conakry. As músicas e danças dos grupos de *mandjuandadi* expressam críticas sobre as questões sociais, políticas e econômicas em que as mulheres são marginalizadas. Assim sendo, as músicas de *mandjuandadi* (cantigas de dito) têm sido ferramenta estratégica responsável para a conscientização da sociedade guineense sobre os direitos e lugares das mulheres em todas as suas esferas sociais. A expressão musical, a dança e os ensinamentos em grupos fazem as mulheres acreditarem que os seus direitos podem ser reconhecidos na sociedade. Certamente, as mulheres guineenses são vistas como seres incapazes em quase todos os domínios da sociedade, posto isso sofrem muita discriminação. O objetivo desse estudo, portanto, é o de compreender como *mandjuandadi* pode trazer o empoderamento feminino na sociedade guineense. Sendo assim, os métodos utilizados pela presente pesquisa serão descritos a seguir: (1) ler materiais referentes ao tema escolhido, para poder conseguir um suficiente embasamento para o desenvolvimento do tema pretendido; (2) ler textos sobre *mandjuandadi*, com a intenção de conhecer mais profundamente esse dado cultural guineense, em que se tem a oralidade como a principal ferramenta de reivindicação das mulheres; (3) analisar as músicas, vídeos e as imagens de diferentes grupos de *mandjuandadi* – disponibilizados no canal da internet *youtube.com* –, a fim de construir o *corpus* de textos a serem analisados durante a pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE:

Mandjuandade. Empoderamento feminino. Cultura oral.

ESCREVIVÊNCIA NA VIDA E OBRA DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Caio Teixeira da Silva (UNILAB)

Carlindo Fausto Antônio (UNILAB)

RESUMO:

O artigo tem como objetivo a análise do conceito de escrevivência na vida e obra de Carolina Maria de Jesus e será realizado a partir do uso de conceitos produzidos por autoras, autores e teóricos negros (as) e antirracistas presentes na produção literária negro-brasileira. Tendo como centro das abordagens o livro *Quarto de despejo – diário de uma favelada*, trabalharemos com a denominação conceitual de literatura negro brasileira. No conjunto da abordagem e chaves interpretativas usaremos o conceito cunhado por Conceição Evaristo e, enunciado como escrevivência que refere à experiência escrita juntamente com a maneira de ver e organizar o mundo e, assim, trazer para as reflexões o poder que a literatura de Carolina Maria de Jesus trouxe para os(as) negros(as) de resgatar a escrita e a vontade de narrar suas histórias. Entre outros recursos teóricos utilizados por outros(as) autores(as) serão considerados os conceitos formulados por Cuti, que dizem respeito à produção de texto relevando o ponto de vista de um determinado sujeito étnico. No mesmo processo textual, o referido poeta enuncia a necessidade de construção de um leitor ideal. Tais conceitos, conjugados ou encruzilhados com as noções textuais da negrura e a noção de coautoria apresentadas pelo poeta e escritor Fausto Antônio, estarão no centro da leitura e análise da obra de Carolina de Jesus.

PALAVRAS-CHAVE:

Escrevivência. Carolina Maria de Jesus. Quarto de Despejo. Literatura Negro-Brasileira.

DECOLONIALIDADE: UM MECANISMO PARA MUDANÇAS DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU

Segunda Cá (UNILAB)

Alexandre António Timbane (UNILAB)

RESUMO:

Pela tradição, os guineenses sempre tiveram uma educação que ocorre por meio da oralidade e que reflete os hábitos e costumes do povo. Com a chegada dos colonos e o conseqüente processo de aculturação, ocorreu a redução, mudança ou mesmo abandono desse tipo de educação, especialmente, nas zonas suburbanas e urbanas. A educação colonial trouxe conseqüências drásticas na cultura local porque as práticas educacionais tradicionais foram imediatamente desvalorizadas, incluindo as línguas, e substituídas pela educação moderna de modelo europeu. Em mais de quarenta anos de independência (TIMBANE, 2019), o país ainda precisa alcançar outras independências que realmente são importantes para África, em particular, para os guineenses. A independência na educação é a que deveria ser a mais prioritária, pois é com ela que se garante um futuro mais próspero. Os estudos de Namone e Timbane (2017) ilustram esse fato que preocupa os acadêmicos e a todos que depositam confiança na educação. Esta pesquisa visa analisar o sistema educativo guineense pensando numa educação na perspectiva ‘decolonial’ que nos permita valorizar as realidades locais. O ensino na perspectiva ‘decolonial’ significa construir outras pedagogias além da hegemônica, pedagogias que se adequam à realidade dos povos subalternizados, ou seja, emancipem e valorizem os diferentes modelos do ensino de acordo com o seu público alvo (OLIVEIRA, 2016). Já se observam na academia vários estudos que debatem o ensino na perspectiva ‘decolonial’. Pode-se citar como o exemplo os estudos de Enrique Dussel, Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Ramón Grosfoguel, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Arturo Escobar, entre outros. Esses intelectuais defendem a ideia da valorização de pensamento e do ensino pautado numa visão ‘decolonial’, em diversos setores da vida social, pois, a formação de homens e mulheres críticos é necessária para que sejam capazes de conhecer, reconhecer e valorizar o seu povo,

a sua cultura, seu mundo e a sua ancestralidade. Essa perspectiva se relaciona com o que Mendes (2019) designa por *etnocurrículo*. O presente trabalho é uma pesquisa bibliográfica que permitiu, por meio de leituras, debater e analisar a situação da educação local. É necessário compreender que o sistema de ensino em vigor nas escolas da Guiné-Bissau é um modelo cunhado da Europa, ou seja, o currículo educacional guineense ainda é um espaço colonizado. Conclui-se que a disposição das carteiras (alunos sentados todos virados para o quadro, dispostos um atrás do outro), a posição do professor (que se posiciona à frente de todos os alunos, no lugar de destaque e visível) e sua responsabilidade de ser o “detentor do conhecimento” (o único que conhece o percurso deixando os alunos como “tábuas rasas” sem conhecimento nenhum) transformam os estudantes em seres submissos, passivos que raramente tomam a palavra, a iniciativa ou são atores principais da sua própria aprendizagem. No caso da Guiné-Bissau, ficam proibidos de pronunciar uma palavra em sua língua africana, seja ela o crioulo ou outras línguas do grupo bantu

PALAVRAS-CHAVE:

Ensino. Perspectiva decolonial. Guiné-Bissau. Metodologia.

TABUS LINGUÍSTICOS NO GUINEENSE MODERNO: XINGAMENTOS

Lauci João Correia (UNILAB)

RESUMO:

Este trabalho objetiva compreender alguns aspectos linguísticos e sociais dos tabus linguísticos no guineense moderno, discutindo os processos envolvidos no referido fenômeno. Estudar e pesquisar sobre o tabu no guineense impõem dificuldades, posto que o guineense é uma língua que não tem sido alvo de muitos estudos, principalmente, em relação aos tabus, visto que esse fenômeno fica ainda mais restrito pelo preconceito e o temor que o falante pode ter ao pronunciar palavras relacionadas aos órgãos sexuais ou ao sexo, em geral, por exemplo. Para análise do presente trabalho, utilizamos um questionário aplicado a cinquenta estudantes

guineenses da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, campus Malês. Entre as perguntas do questionário, temos inicialmente uma identificação, como: idade, sexo, religião e curso que frequenta. Para compreender como esses fatores influenciam os tabus linguísticos, elaboramos dez perguntas, incluindo uma alínea. Como resultados parciais, foram selecionadas oito formas de denominar ‘nádegas’, entre elas estão: **bunda**: seis informantes preferem usar essa palavra, representando 12%; **rabada** tem a preferência de 40 alunos correspondendo a 80%, **kadera** apenas um informante usa, equivalendo-se a 2% e outros casos de uso, em que o informante usa duas expressões daquelas mencionadas (**bunda e rabada**); as duas formas foram usadas simultaneamente por três pessoas, equiparando-se a 6%. Em correspondência ao órgão sexual feminino, temos: **kunu** – usado por 20 pessoas (40%), **pampana** – usada por 18 informantes (36%), **katota** usada por três pessoas (6%) e demais itens (**mindjerndadi, femiandade, putinani, catchora e bunda**) usados por nove indivíduos (18%). Além disso, foram encontradas três expressões para se referir a “relações sexuais ou sexo”: **fassi sexo** – usada por 21 informantes (42%), **dita ku alguin** - usada por cinco pessoas (10%), e, por fim, a expressão **moka** empregada por 17 informantes (34%) e há outras formas (**fasi amor, fasi macardessa e relason sexual**) empregados por sete pessoas (14%). Tendo em vista os dados apresentados, com base nas repostas e relatos dos informantes, nota-se que não só existem tabus linguísticos na sociedade guineense como os mesmos interferem nas escolhas dos vocábulos, podendo levar à manutenção de determinados itens, ao desaparecimento de outros vocábulos considerados “indecorosos” ou mesmo à criação de novas palavras ou à extensão semântica de itens existentes. Os tabus linguísticos como os supramencionados, no futuro, podem ser preservados, extintos e/ou substituídos por novas palavras; em parte o que definirá o destino de cada item é, sem dúvida, de que maneira seus falantes o enxergam e o empregam. O presente estudo, ainda incipiente, busca discutir tais caminhos e apontar possíveis razões sociais para o uso maior de determinados itens em detrimento de outros pelos estudantes guineenses da Unilab.

PALAVRAS-CHAVE:

Tabus Linguísticos. Xingamentos. Guineense. Língua.

NORMAS DE SUBMISSÃO DOS RESUMOS E ORIENTAÇÕES

1. RESUMOS SIMPLES

O trabalho deve ser escrito em formato eletrônico A4 (word. doc. ou .docx), Fonte Arial, tamanho 12 pts, alinhamento justificado, espaçamento simples entrelinhas, margens superior e esquerda 3.0 cm e inferior e direita 2.0 cm. Título: todas as letras MAIÚSCULAS, em negrito, centralizado.

Autores: o(s) nome(s) completo(s) deve(m) ser inserido(s) abaixo do título em ordem direta (alinhado à direita). **Corpo do texto:** O texto deverá apresentar uma breve introdução, informações sobre o objeto do trabalho, a motivação, o problema, as hipóteses, os objetivos (gerais e específicos), a fundamentação teórica, a metodologia empregada, os Resultados, as conclusões (finais ou provisórias). O resumo deverá ter de 300 a 500 palavras e de 4 a 5 palavras-chave.

A Comissão seguirá a seguinte ordem de prioridades:

- Estudantes que estão finalizando o Curso de Letras (TCC II e TCC III);
- Estudantes de Iniciação Científica do Curso de Letras;
- Demais estudantes interessados em apresentar trabalho.

3ª SEMANA DE LETRAS/ CAMPUS DOS MALÊS



Como citar estes resumos:

SOBRENOME, Nomes do autor. Título. In: 3ª SEMANA DE LETRAS DA UNILAB-MALÊS: Cinco anos do Campus dos Malês: linguagens em (re)existências”, 3-5 de dez. 2019. São Francisco do Conde (BA). **Caderno de Resumos (destacar em negrito ou em itálico)**. vol. 3. p.(colocar nº da pág. do resumo), 2019.

Se desejar incluir o link basta escrever depois do ano:

Disponível em: <link>. Acesso em: dia, mês (abreviado) e ano.

Atenção: O ‘acesso’ é a data em que você acessou o link.

Atenção autores:

Sabia que a publicação Do resumo em Anais é uma “Produção científica”?

Como cadastrar este resumo no Currículo Lattes:

Para incluir o seu resumo no seu **Currículo Lattes** siga os seguintes passos:

1º Passo: Acesse o seu Currículo Lattes com o seu login e senha

2º Passo: Clique em “**Produções**”

3º Passo: Clique em “**Trabalhos publicados em anais de eventos**”

4º Passo: clique em “**Incluir novo item**”

5º Passo: Preencher o formulário, salvar, enviar para CNPq, sair.

Há campos obrigatórios e há campos opcionais.

O ISSN deste Caderno de Resumos é: **2596-299X**